

*Allan de Paula Oliveira* Em *Tocquevilleanas*, Roberto DaMatta apresenta uma série de artigos e crônicas publicados na imprensa de São Paulo entre 1993 e 2004 e que têm por temática aspectos da sociedade norte-americana. DaMatta, que durante anos lecionou nos EUA, descreve, a partir de fatos tomados no cotidiano, questões centrais e atuais na sociedade daquele país, apontando para seus fundamentos ideológicos e políticos. Trata-se, assim, de um brasileiro – nacionalidade ligada a um país tido, no senso comum, como periférico – descrevendo os norte-americanos e os EUA – país tido, para além do senso comum, como centro de um imperialismo pós-Segunda Grande Guerra. Este exercício de observação, feita de dentro da sociedade observada, possibilita a DaMatta relativizar exatamente este caráter imperial imputado à – e, muitas vezes, assumido pela própria – sociedade norte-americana. Esta é descrita sob um ponto de vista que toma como relevante a arbitrariedade e a dinâmica de seus arranjos sociais, aspectos inerentes a qualquer sociedade, emergindo daí um EUA humano e menos idealizado. De certa forma, DaMatta observa os EUA a partir do que é revelado pelos seus dramas – no sentido de ritualização de determinadas ações – corriqueiros, como a segregação racial, ou extraordinários, como o lugar do terrorismo na sociedade norte-americana após o 11 de setembro. Trata-se, em princípio, do mesmo exercício que DaMatta vem, há anos, realizando com a sociedade brasileira: tomar certos dramas e, a partir deles, explicitar valores da ideologia, no sentido dumontiano do termo, presente na sociedade. Exatamente porque é um brasileiro falando dos Estados Unidos, e falando de dentro, a comparação se impõe como procedimento analítico. O nome do livro vem exatamente daí, já que, para DaMatta, Alexis de Tocqueville foi o primeiro a observar a sociedade americana a partir de um viés comparativo, buscando projetar valores como igualitarismo e individualismo em seus desdobramentos tanto na América quanto na Europa. Esse olhar possibilitou uma perspectivação de conceitos-chaves das sociedades, a observada e a do observador, revelando seus valores ideológicos.

Se Tocqueville viu os EUA pelas lentes conceituais de um aristocrata francês, DaMatta vê com as lentes de um brasileiro. Assim, observar os EUA o leva também a pensar os limites de valores da sociedade brasileira, valores estes já estudados pelo autor ao longo de sua obra: o personalismo, a malandragem, o viés autoritário e, mais importante, a hibridação social. Todos os textos têm, portanto, uma dupla crítica: a da sociedade americana e a da sociedade brasileira. No entanto, engana-se quem pensa que os EUA são usados para a atitude mais típica dos brasileiros, segundo o próprio DaMatta: o pessimismo quanto à própria sociedade e a auto-comiseração. Em várias passagens, o antropólogo brasileiro aponta os paradoxos do individualismo exacerbado implantado nos Estados Unidos, mostrando que o “jeitinho brasileiro” pode oferecer arranjos interessantes em diversos momentos de crise social. O que, muitas vezes, é visto como um de nossos defeitos, aparece, assim, como uma forma específica de regulação social.

O livro está dividido em seis partes, onde foram agrupadas as crônicas de acordo com os seus temas. Em “Diásporas, viagens e estranhamentos”, DaMatta comenta sobre sua situação de “mulato cultural”, um brasileiro que trabalha nos EUA, e chamando a atenção do leitor para que este tipo de situação é cada vez mais comum. Aqui, vale a pena observar como o autor assume o discurso de um mundo inevitavelmente globalizado. Em “Artes”, foram agrupadas crônicas que tratam de questões advindas da observação do mundo das artes, basicamente cinema e música (sintomaticamente, as bases da indústria cultural moderna e propulsoras da divulgação do *american way of life*). “Cotidianos” é a parte que abrange o maior número de crônicas, tratando de questões como a burocracia, a política, a comida, os esportes e outras práticas sociais. Aqui, evidencia-se o exercício da capacidade de observação das pequenas situações do cotidiano: por exemplo, em uma das crônicas, a partir da verdadeira paixão dos americanos por animais, DaMatta, além de comentar sobre esta relação, aproveita-a para analisar também alguns problemas sociais relacionados à posse de animais no Brasil. É o caso, por exemplo, dos acidentes envolvendo cães *pit-bulls*, que se tornaram freqüentes nos últimos anos (fala-se em 400 mil casos de lesões sérias causadas por estes animais). A partir daí, DaMatta comenta como a relação com os animais no Brasil e nos EUA se distingue a partir de diferentes percepções do público e do privado, ou ainda, da casa e da rua. Vê-se, também, como DaMatta aproveita um esquema analítico – a oposição entre casa e rua – e o utiliza como instrumento de análise de outra sociedade, possibilitando, desta forma, a comparação, mas estando sempre atento às especificidades de cada realidade social.

A quarta parte, “Terrorismo e Guerra”, traz as crônicas escritas logo após o 11 de setembro e as preparações para o ataque ao Afeganistão. DaMatta revela como um evento extraordinário – o ataque às torres gêmeas – acionou uma série de mecanismos estruturais da sociedade americana – ação do Estado, o papel do presidente, ação civil e outros – provocando, no entanto, sua atualização, mesmo que isto represente um retorno a formas de ação passadas. Foi o que ocorreu com a ação de policiamento que o Estado adotou com relação à sociedade civil a partir do “Patriot Act”: o 11 de setembro causou uma atualização da forma de ação do Estado, que voltou a operar, em muitos aspectos, de forma análoga aos anos 50, período de macartismo e limitação das liberdades civis. Há, portanto, modificações estruturais a partir de um evento e são estas mudanças que as crônicas de DaMatta

procuram captar. Idéia semelhante aparece na quinta parte, “Drama”, que reúne textos relativos à discussão dos valores sociais norte-americanos a partir de casos tratados como “dramas sociais”: o caso O.J. Simpson (famoso atleta acusado de matar a esposa) ou a relação Clinton-Mônica Lewinsky. Finalmente, “Ideologia, Valores, Rituais e Religião” toma como “dramas sociais” rituais como a entrega do Oscar e o Dia de Ação de Graças. Aqui, uma vez mais, o Brasil e suas religiosidades e rituais aparecem a todo instante como fatores de contraste.

Os textos, segundo o próprio autor, procuram manter um viés ensaístico, uma das características de seus trabalhos desde a segunda metade da década de 70, quando passou a se dedicar ao campo que, futuramente, seria chamado de “antropologia da sociedade nacional”. De fato, em “Tocquevilleanas”, o “sabor”, o estilo do texto, evoca a todo instante a prosa ensaística de “Carnavais, malandros e heróis” (1978). DaMatta, neste sentido, pode ser lido como uma atualização da tradição ensaística que, de Paulo Prado a Roberto Schwarcz, passando por Gilberto Freyre – que, em entrevista à *Folha de São Paulo* em 1987, apontou Gilberto Velho e Roberto DaMatta como seus sucessores – marcou o pensamento social brasileiro no século XX, pelo menos até a década de 70. Curiosamente, esta tradição ensaística não se tornou hegemônica no campo da sociologia e da antropologia a partir de sua institucionalização universitária. Nestes campos o modelo monográfico prevaleceu, produzindo, não raro, grandes e importantes obras. Por isso, é um exercício curioso ler DaMatta e seu texto ensaístico, de sabor prosaico, quase uma conversa, à medida que ele convida o leitor acadêmico a lidar com um tipo de discurso que não é o dominante na academia.

“Tocquevillianas”, porém, não é um ensaio propriamente dito, apesar do tom de seu texto. Trata-se, conforme apontei acima, de um conjunto de artigos escritos para a imprensa, o que, por si só, já delimita seu tamanho e seu grau de análise. E mais: no prefácio, DaMatta comenta sobre esta experiência, a de um acadêmico (como ele mesmo se define) escrevendo na imprensa. Ou ainda, como ele mesmo escreve, a de um representante de um espaço onde muito se lê e se retarda a escrita (a universidade) atuando na imprensa, espaço onde muito se escreve e se retarda a leitura e a pesquisa. Neste ponto, confesso que fiz uma pequena enquete informal com colegas estudantes e professores de antropologia e percebi uma reação negativa com o fato de se atuar na imprensa, todos apontando a baixa qualidade de uma produção deste tipo. Por um lado, é inegável que “Tocquevillianas” não pode ser comparado, em densidade, a outros textos do próprio autor, como “Carnavais, Malandros e Heróis” ou “A Casa e a Rua”. Por outro lado, não é esta densidade que objetiva DaMatta, e seria injusto criticá-lo por isto. Pelo contrário, revela-se a plena ciência do espaço onde se atua, e o cuidado na elaboração de um texto capaz de apontar para questões importantes num espaço reduzido.

O mais importante, porém, é a reflexão a que DaMatta nos convida a respeito da atuação pública do intelectual. De novo, tem-se o autor no caminho contrário ao da especialização acadêmica. Porém, novamente, DaMatta ecoa a própria história do pensamento social brasileiro. Lembremos dos textos de Gilberto Freyre para o *Diário de Pernambuco* na década de 20 ou dos textos de Mário de Andrade sobre folclore para a imprensa paulista nos anos 30. É um tipo de atuação muito mais pública, onde o intelectual assume, nos termos de Pierre Bourdieu (outro com forte atuação na imprensa), uma postura de combate. A estranheza que sentimos em “Tocquevillianas” advém

exatamente da confrontação entre esta postura “francesa” de atuação intelectual diante da nossa tradição lusitana, que vê no bacharelado um sinal de casta e que, como tal, não pode tomar contato com as impurezas do mundo. Nesse sentido, o livro de DaMatta é um bom exercício de reflexão sobre a atuação do antropólogo, sobretudo num momento de multiculturalismo e de emergência de atores sociais que trazem no bojo do seu discurso termos e temas até ontem reservados à academia. DaMatta pode não oferecer, para muitos, uma resposta sobre esta atuação, mas é inegável que a leitura de seu livro nos leva a refletir sobre o tema.